

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

A relacao de povoamento do Brasil meridional com
as sociedades indigenas e um processo etnocida
[The settlement relationship of southern Brazil with
indigenous societies and an ethnocidal process]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Golin, Tau
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-15 17:04:09
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162930

Entrevista da Semana

Flexibilização é dominação, afirma sociólogo espanhol

Entrevista com Juan José Castillo

Os espanhóis Juan José Castillo e Pablo López, pesquisadores na área da Sociologia do Trabalho, são autores do livro *El trabajo recobrado*. Buenos Aires: Miño Y Davila, 2005 – ainda sem tradução para o português.

Segundo Castillo, que esteve na Argentina participando do 7º Congresso de Estudos sobre o Trabalho, o objetivo da pesquisa, reunida no livro “foi buscar o trabalho perdido, ou seja, encontrá-lo nos espaços em que se esconde.” Com base na afirmação de que “nós procuramos com a finalidade de mostrar os empregos que aparentemente haviam desaparecido”, Castillo foi entrevistado pelo jornal *Página/12*, 11-9-05.

Eis a entrevista, que foi traduzida por Cesar Sanson, pesquisador do Cepat, a quem agradecemos:

Página/12 – O que encontraram na busca por empregos desaparecidos?

Castillo – Trabalhei dez anos para a Comunidade de Economia Européia, e o resultado da pesquisa realizada é que, à proporção que descemos na pirâmide do trabalho, diminuem as condições e as definições de emprego. O que encontramos, então, é uma escala de precarização, que inclui uma diminuição na capacidade de negociação dos trabalhadores. Temos analisado os centros do ócio, os parques temáticos, enfim, esses lugares que ninguém estuda e que são autênticos submundos de uma descarada exploração do ser humano.

Página/12 – E o que mais?

Castillo – Outro exemplo que aprofundamos foi o da Volkswagen de Pamplona: lá, ante o menor pedido de aumento, os empresários ameaçam transferir grande parte da produção da

empresa para Brastilava, onde estão fabricando, em sua maioria, o modelo Polo para exportá-lo. Na seqüência, a ameaça se amplia: se anuncia que uma secção irá para o Brasil. No dia seguinte, se fala da sucursal do México, no outro, da China. A arma patronal fundamental é esta: “Caso se apresentem muitas reivindicações, levamos a fábrica para outro lugar”. Esse argumento tem uma capacidade incrível de bloquear qualquer movimento trabalhista, especialmente no caso da Volkswagen de Pamplona, que é a vértebra da economia da cidade e da região. Estar na pele do sindicalista em uma situação de conflito dessas, também é difícil. São os próprios vizinhos que irão adverti-lo diante de um conflito: “O que estão fazendo? Estão arriscando tudo!”.

Página/12 – Você está de acordo em chamar esse processo de flexibilização?

Castillo - Eu nunca uso a palavra flexibilização, porque esconde muito mais do que diz. Costumamos entender por flexibilização que o empresário pode prescindir dos trabalhadores quando lhe dá vontade e convocá-los quando queira fazê-los trabalhar ao ritmo que lhe convenha. Isso não se chama flexibilização, chama-se dominação! É preciso fazer um esforço para precisar a linguagem.

Página/12 - Como qualificar, então, o que muda na definição de trabalho?

Castillo - É um processo de precarização para facilitar a demissão. E isso nem se trata de um problema de lucros, porque as indenizações são somas tão irrisórias que não é uma preocupação real para as empresas. Creio que isso tem mais a ver com o sustento da dominação e não está relacionado com a produtividade. Tomemos como exemplo o caso da

Telefônica. Falavam que a renovação tecnológica obrigaria a deixar de lado a maioria dos trabalhadores, mas logo os recontrataram por meio de empresas chamadas terceirizadas. A Telefônica passou, assim, de 65 mil trabalhadores para 15 mil nos últimos anos. Isso não é inovação tecnológica. A Telefônica necessitava desmontar o contrato coletivo, desarmar a organização dos trabalhadores e decompô-los em pequenos fragmentos e, quanto mais longe um do outro, melhor.

Página/12 - Ou seja, em definitivo, afastar a possibilidade do conflito.

Castillo - Exatamente. Creio que somente se pode entender a precarização tal como se dá na atualidade por uma dinâmica de poder.